

MEMÓRIA E CIBERCULTURA: UM BREVE OLHAR SOBRE A FANPAGE PROJETO PELOTAS MEMÓRIA NO FACEBOOK

Cleiton Bierhals Decker¹; Maria de Fátima Bento Ribeiro²;
João Fernando Igansi Nunes³ (Orientador)

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – cldecker@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – mfbento@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – fernandoigansi@gmail.com (orientador)

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo integra parte do projeto de dissertação de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio cultural (PPGMP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e reflete sobre a perspectiva dos temas centrais da do programa a partir do olhar por meio dos conceitos das interfaces computacionais, no que tange as teorias de Felix Guatarri, Vilhen Flusser, Arlindo Machado, Pierre Lèvy e Lúcia Santaella. A discussão estabelece um diálogo constante com os autores como Maurice Halbwachs, Joel Candau, responsáveis pelos conceitos de memória coletiva e metamemória, bem como autores que já estabelecem esse diálogo, como Vera Dodebei, Silvana Monteiro e Ana Cantarelli.

O objeto de observação desse ensaio está focado no Projeto Pelotas Memória no Facebook¹. O conteúdo publicado nessa plataforma de redes sociais na internet diz respeito a memória da cidade de Pelotas, originário com base no trabalho do preservacionista Nelson Nobre Magalhães, responsáveis por exposições fotográficas em um quiosque na rua Quinze de Novembro.

A página do Projeto Pelotas Memória no Facebook tem sido analisada, quanto a sua interface computacional, desde o primeiro semestre de 2013, com o intuito de buscar elementos que nos permitam questionamentos acerca da memória e do esquecimento em meio a cibercultura. Tratada como máquina informacional, a referida plataforma se estabelece relevante tanto pela sua potencia de discurso específico, quanto pelo meio de escrita e processo de leitura.

Conforme LÉVY (1999), cibercultura é o neologismo derivado da expressão ciberespaço (designada pelo escritor Willian Gibson), caracterizado pela comunicação originada por meio da interconexão mundial dos computadores. A relação se faz por meio dessa infraestrutura de comunicação digital, a infinidade de informação, bem como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

No ciberespaço o Projeto Pelotas Memória está disponível na mídia social desde o dia 11 de novembro de 2011 no endereço: <https://www.facebook.com/pages/Projeto-Pelotas-Memória/136187553155125>. A página foi criada e inserida nesse sistema pelo admirador do trabalho de Nelson Nobre e estudante de Jornalismo, Leonardo Tajés Ferreira.

¹ Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. A missão do site de rede social é dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado. As pessoas usam o Facebook para ficarem conectadas com amigos e familiares, para descobrir o que está acontecendo no mundo e para compartilhar e expressar o que importa para eles.

2. METODOLOGIA

A ferramenta metodológica desta pesquisa está baseada na observação sistematizada da *fanpage*² citada. Seus instrumentos baseiam-se na análise dos conteúdos publicados, bem como no levantamento de dados a partir das informações referentes ao perfil de membros dessa comunidade virtual, da natureza das publicações, suas respectivas representações do patrimônio e pela identificação das memórias manifestadas por meio de comentários, também, publicados. Realizou-se ainda, como estratégia de identificação, uma pesquisa documental em periódicos da cidade que referem-se a entrevista com o autor dessa “página”. Para entanto, primeiramente foi realizado levantamento bibliográfico que se embasam nos conceitos sobre interfaces computacionais que estão sendo trabalhados, indicativos do advento das ‘novas tecnologias’, bem como dos conceitos de memória social e patrimônio cultural. O olhar bibliográfico com a análise de conteúdo permitirá criação de categorias que possibilitarão a ‘leitura’ de dados disponibilizados na fanpage do Projeto Pelotas Memória do Facebook.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas observações da *fanpage*, no dia 23 de maio de 2014, a página Projeto Pelotas Memória contava com 15.968 fãs. O relacionamento que ocorre entre esses “fãs” – ou seguidores – da página pode ser chamado de conversação. Nesta categoria, o Facebook oferece um dado, que é atualizado semanalmente, de número de pessoas envolvidas com essa conversação. A média apresentada de atores que interagem com a página, no referido período foi de 958 pessoas.

As publicações do Projeto Pelotas Memória são, na sua maioria, de fotografias e/ou reproduções de documentos históricos, bem como algumas eventuais publicações em vídeo. Parte dessas imagens é acompanhada de legendas ou textos explicativos, contextualizando a publicação. Em casos de conteúdos especiais, um arrazoado maior é apresentado, propondo-se a expor um referencial histórico e educativo aos integrantes da rede.

Na data da pesquisa, o Pelotas Memória no Facebook possuía 108 pastas com imagens da cidade em suas representações de acervos antigos, bem como de imagens atuais enviadas por fotógrafos que integram o grupo de colaboradores do projeto. De acordo com a matéria publicada no Diário Popular (2013) um total de 20 mil imagens integram a mídia social. Há também uma pasta com vídeos, que soma o total de seis audiovisuais postados. Os vídeos apresentam reportagens sobre o Projeto Pelotas Memória, bem como conteúdos publicitários sobre a cidade, patrimônio histórico, cultural e natural do município.

Os álbuns de imagens estão estruturados em quatro tipos, dentre os quais podemos destacar primeiramente, os álbuns próprios de imagens antigas, oriundas do próprio acervo do preservacionista Nelson Nobre Magalhães, bem como documentos oriundos de arquivos pessoais que foram compartilhados com o projeto no Facebook. Essas imagens podem ser observadas nos links Cidade Histórica, Postais e nas pastas de I ao VI; em seguida, os álbuns “Pelotas Hoje”, os quais apresentam as imagens atuais de fotógrafos que têm feito o registro da cidade atualmente, em especial imagens do patrimônio edificado da cidade e também das representações do cotidiano que fazem parte da cultura da cidade de Pelotas. Esta seção, Pelotas Hoje, ainda contempla espaços que reúnem gente aos finais de

² Página de conteúdo institucional ou ideológico do Facebook.

semana, ou que são parte do roteiro diário das pessoas que residem, trabalham ou visitam a Princesa do Sul. As imagens oriundas do olhar de cada um dos fotógrafos integrantes do Projeto é um dos principais elementos que constitui a representação dessa cidade no ciberespaço. Uma representação que vai do destaque e realce das belezas da cidade, bem como a crítica das situações de descaso da população e da gestão pública; outra classificação estaria nos álbuns que poderíamos chamar de híbridos, pois apresentam seções especiais de prédios históricos que disponibilizam imagens antigas e também a representação atual desses lugares. As pastas Olhar sobre Pelotas I e II, e as pastas chamadas “Especiais”, sobre os diferentes temas, são focadas no patrimônio histórico, cultural e natural da cidade; Um quarto tipo de imagens podemos classificar como aquelas que incluem ilustrações ou reproduções de arquivos históricos como documentos público, recortes de jornais etc, expressas nos álbuns Marcas do tempo, Documentos, Histórico Administrativo da cidade e Passado e Presente.

4. CONCLUSÕES

São essas imagens que escrevem ou re-escrevem a cidade histórica do extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. Mistura de imagens antigas e atuais de prédios como o Mercado Público, Catedral São Francisco de Paula, Theatro Sete de Abril, Theatro Guarany, Prefeitura Municipal, Bibliotheca Pública Pelotense, Praça Coronel Pedro Osório e outros casarões de seu entorno, presentes na paisagem da cidade até hoje, sejam eles restaurados, com as marcas da exploração comercial ou ainda deteriorados pelo tempo, sem conservação adequada. Além disso, também a representação daquilo que foi tradição na cidade e que hoje não se sustenta mais com toda a aura de outrora, como os antigos carnavais da rua XV de Novembro. Tudo isso se mistura com as práticas do cotidiano da cidade de hoje, com seu calçadão e centro de compras, os novos prédios destinados a educação superior – uma das potencialidades da terra –, sempre imersos na especulação imobiliária e a busca por desenvolvimento a “qualquer preço”.

Conforme os dados do Facebook podemos dizer que essa cidade situada no ciberespaço tem uma população de aproximadamente 16 mil “habitantes” – que nesse jogo metafórico seriam aquelas que ‘curtem’ a *fanpage* Projeto Pelotas Memória –, pois elas se relacionam diariamente com a cidade na mídia social, recebendo informações periódicas por meio das postagens, observando-as através das diferentes plataformas – computadores pessoais, *tablets* ou *smartphones* – e se relacionando com elas através dos dispositivos oferecidos pela mídia social – curtir, compartilhar e comentar. Essa população pode estabelecer um debate sobre essa cidade, tecendo comentários e pontos de vista a respeito da representação dessa cidade exposta pelas fotografias. Contudo, essa relação com essa cidade *cyber* sempre estará relacionada com a vivência “real” da vida nessa cidade. Esta “vida real” confronta-se com a “virtual”, uma vez que a primeira diz respeito a todos os prazeres, desafios e dissabores da vida cotidiana. De outro lado um imaginário que se estabelece a partir de uma construção coletiva com experiências vividas expostas naquelas imagens, bem como no discurso criado pelas mídias de massa ou pelas próprias narrativas presentes nas mídias sociais.

No caso da memória coletiva ou metamemória evocada pelas mídias sociais, em especial pela *fanpage* do Projeto Pelotas Memória, não há uma gerência dessas informações, não permitindo a formação de um acervo que garanta a revisitação dessa memória, propondo novos olhares, novas narrativas e imagens dessa memória. Ainda assim, a mídia social, um sistema privado, tem a autonomia de

desativar o programa a qualquer momento, eliminando qualquer organização de “pseudo arquivamento” de imagens, comentários ou histórico de rastros na própria rede social. Além disso, SANTAELLA, em sua obra intitulada *Cultura e artes do pós-humano* (2003) chama as máquinas computacionais como as máquinas das máquinas semióticas, por se tratar da representação de uma representação. Pois, toda a interface gráfica projetada naquele dispositivo não corresponde efetivamente ao resultado da máquina, mas a representação daquela informação, por meio de um código binário.

Com esse conceito, a simples mudança em um código algorítmico poderá interferir em todo e qualquer conteúdo metamemorial disponível na rede. Em função disso, a perda dos *links* que nos direcionam às memórias estão em risco a todo o momento, sempre com uma maior possibilidade de esquecimento a memória.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- BOSI, Eclea. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.
- CANDAU, Jöel. Tradução: Maria Letícia Ferreira. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1968.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1999 – 2 Edição.
- _____. **As Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1993.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas**. 2. Ed – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano – Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo : Paulus, 2003.

Artigos

- DODEBEI, Vera D. **MEMORIA E PATRIMÔNIO: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço**. www.pucsp.br/revistaaurora. Aurora, 10: 2011.
- DODEBEI, Vera D.; Gouveia, Ines. **Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.9 n.5 – Outubro de 2008.
- MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. **Representação e Memória na Cibercultura**. Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006.

Eventos

- MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. **Memória Desterritorializada no Ciberespaço. “Usos do Passado”** — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

Documentos eletrônicos

- Diário Popular. **Acervo sobre a cidade é disponibilizado no Facebook**. Diário Popular on-line, acessado 23 de maio de 2014, disponível no endereço eletrônico http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=NjgzNzg=&id_area=MA